

CEDI - P. I. B.
DATA 04, 06, 86
COD. PK D. 41

ÁREA PARAKANÃ

RECOMENDAÇÕES IMPACTO PROJETO FERRO-CARAJÁS

PROGRAMAÇÃO ATIVIDADES - 1984

ANTONIO CARLOS MAGALHÃES
ANTROPÓLOGO
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
DEZEMBRO - 1983

PARTE I

A - RECOMENDAÇÕES FACE A ATUAÇÃO DO PROJETO FERRO-CARAJÁS FRENTE AO POVO PARAKANÃ.

Conforme salientamos em relatório anterior (V. LEVANTAMENTO DA SITUAÇÃO ATUAL DOS INDIOS PARAKANÃ..... ABRIL 1983...) há, em relação a estes índios, a necessidade de se criar um PROJETO CONTATO, face aos grupos que ainda se encontram em perambulação, notadamente às proximidades dos Igarapés Pacajazinho e Bom Jardim. Tal fato se torna crucial quer para a própria sobrevivência física e étnica dos Parakanã, quer para uma atuação plena, considerando inclusive os aspectos preventivos, do Projeto Ferro-Carajás frente aos povos indígenas não contatados. Têm estes índios na Serra dos Carajás um dos componentes de seu espaço territorial, sendo tais aspectos observados como medidas salientadas pelo Banco Mundial, no tocante a garantia das salvaguardas de povos e populações atingidas por Projetos Econômicos de Estado financiados por aquele Banco.

No entanto, vimos observando, e isto foi salientado pelos antropólogos assessores à Cia. Vale do Rio Doce presentes à reunião - Cia. Vale do Rio Doce / Associação Brasileira de Antropologia (ABA) -, realizada no Rio de Janeiro, no Museu Nacional, em novembro próximo passado, que vem ocorrendo um descompasso entre as medidas salientadas pela assessoria antropológica à Cia. Vale do Rio Doce e a atuação da Fundação Nacional do

Índio (FUNAI). Particularmente, no caso Parakanã, algumas dessas medidas devem ser consideradas como prementes, sob pena de a defasagem entre a sua apresentação - programação - execução - poder estabelecer atuações paralelas irreversíveis à sua prática em termos negativos de atuação ao povo Parakanã. É público que a história Parakanã - FUNAI nem sempre se desvelou em aspectos benéficos a este povo. Para tanto, faça-se apenas uma restrospectiva das frentes de contato da FUNAI - 1970/71 - 1976 janeiro/1983. É necessário ainda assinalar, apenas com o objetivo de se ter sempre à memória, que os Parakanã habitam desde há tempos o interflúvio Tocantins-Xingu; vale dizer, tendo como seu local de percurso a própria Serra dos Carajás.

A exposição acima tem a sua pertinência e solicitamos a criação de um PROJETO CONTATO e o seu estabelecimento em normas iniciais básicas, a fim de que aos grupos indígenas Parakanã ainda em perambulação sejam minizados os efeitos, costumeiramente desastrosos, que as frentes de penetração pela Funai vêm estabelecendo com este Povo desde o início da década de setenta, quando o primeiro grupo foi contatado. Ao terminarmos aquele Relatório (V. LEVANTAMENTO...pg.68ss), apresentamos dois grupos Parakanã não contatados e em perambulação localizados o primeiro junto ao Igarapé Pacajazinho, e o segundo às proximidades do Igarapé Bom Jardim, este um tributário à direita do Rio Xingu. Hoje, temos informações que ao final do mes de novembro de 1983, foi este segundo grupo contatado por uma frente de penetração da Funai, entre as cabeceiras do Igarapé Bom Jardim e as do Rio Bacajã, em local próximo à existência de dois garimpos de ouro. De acordo com os informes oficiais, obtidos junto à 2ª Delegacia Regional/Funai, estes Parakanã somam um total de 101 (cento e uma) pessoas, sendo que até o pre-

sente este número permanece inalterado. Não obstante, da mesma forma, não há até este instante qualquer planejamento para uma possível transferência destes índios, e o que se fez foi a sua relocação, descendo o Igarapé Bom Jardim, na tentativa de afastar o grupo de contatos mais diretos e, ou, constantes com aqueles garimpeiros.

Tais medidas, se por um lado, podem ser vistas, por nós e à distância (a 2ª Delegacia Regional não possui ainda um relatório sobre este contato, o que faz com que os dados que consideramos se limitem às informações verbais de Delegado dessa Unidade), como as mais indicadas, ao menos em um primeiro momento, deve-se considerar, por outro lado, que a ausência de outras medidas podem acarretar sérios danos a estes Parakanã. Não consta, pois, ao que nos foi dado saber, a presença de um profissional qualificado (nível superior) da área de saúde entre os membros que compunham a frente de penetração. Recentemente, apenas, foi encaminhado àquele local, o do contato, um enfermeiro, não se tendo notícia de qualquer plano de vacinação junto a estes índios. Sabe-se, entretanto, que já começaram a surgir alguns casos de gripe e de malária. Não nos foi fornecida também qualquer informação que considere o acompanhamento e a supervisão pelo Dr. João Paulo Botelho V. Filho sobre a atuação da FUNAI neste caso.

É importante ressaltar a necessidade que temos nós, enquanto assessores da Cia. Vale do Rio Doce, de sermos informados, pari passu, das atuações e programas de atuação desencadeados pela Funai junto aos povos indígenas atingidos pelo Projeto Ferro-Carajás, mormente em se tratando de supervisão na área de saúde e relacionando-se esta aos contatos iniciais mais efetivos das frentes de penetração da Funai com povos indígenas

em perambulação. Cabe esclarecer, ainda, que junto aos Parakanã, residentes à margem direita do Igarapé Paranatí, neste mes de novembro passado, registrou-se a morte de duas crianças em razão da aplicação de medicamento contra a malária (ARALEN), via injeção, em dosagem a ser administrada em adulto, pela equipe médica que se encontrava àquele local, cf. nos revelou o Sr. João de Carvalho, ex-chefe do PIA. Parakanã. Esta equipe, composta por médico e enfermeira, contratados com verba do Projeto Ferro-Carajás, foram demitidos pela 2ª Delegacia Regional/Funai. Consideramos que, permanece o fato de qualquer planejamento a ser efetuado pela Funai obedeça anteriormente às diretrizes que sejam estabelecidas pelo supervisor da área de saúde, Dr. João Paulo Botelho V. Filho, como pela assessoria antropológica à Cia. Vale do Rio Doce.

Resgatemos, entretanto, a presença dos Parakanã recentemente contatados junto ao Igarapé Bom Jardim, pois, se a sua permanência àquele local pode ser justificada até o presente, é mister que sejam observadas ainda algumas considerações-

- a) se tal permanência é reveladora da vontade e objetivo destes Parakanã;
- b) se tal permanência, se temporária, o é, ou será, até por quanto tempo; ou, tornar-se-á ela definitiva e, neste caso, até que ponto é tal medida reveladora dos objetivos deste grupo;
- c) as cisões ocorridas entre todos os Parakanã conhecidos e que os fez se separar em grupos menores não traduz em qualquer rivalidade maior que impeça a permanência em um mesmo território; vale dizer que, estes tupi sempre manifestaram o objetivo de se manter em área contígua, rejeitando, apenas, a permanência em um único aldeamento.

Este último ponto deve ser considerado como de fundamental importância à própria manutenção física e étnica dos Parakanã enquanto Povo.

Com base nestas premissas iniciais, que se tornam extremamente importantes tanto aos Parakanã como à própria Funai, enquanto órgão desencadeador, mesmo apenas ao nível prático, de uma política indigenista, e à própria Cia. Vale do Rio Doce, esta enquanto interessada na manutenção de programas atinentes à exploração mineral em conformidade aos ditames setenciados pelo Banco Mundial, faz-se mister que sejam ainda considerados -

- a) caso a permanência dos Parakanã junto ao Igarapé Bom Jardim seja vista a nível temporário, além de se delimitar este tempo, é necessário que se realizem estudos que definam a área de ocupação permitindo a permanência destes índios, da mesma forma que se processe no mais breve tempo a retirada de invasores à área; exemplificando, a paralisação dos dois garimpos e não o deslocamento puro e simples dos Parakanã;
- b) caso a permanência se pretenda definitiva quais os estudos em elaboração que consideram este território, o que inclui o Igarapé Bom Jardim e as cabeceiras do Rio Bacajã, como uma outra Reserva Indígena Parakanã; que implicações de ordem sócio-cultural-psicológica, além das de ocupação sócio-espacial, repercutirão junto aos Parakanã já contatados e aos a contactar (há pelo menos um grupo em perambulação, o do líder KARADJÁ próximo ao Igarapé Pacajazinho).

Portanto, não é demais repetir que aos Parakanã já contatados é de magna importância a permanência em um

mesmo território, embora em aldeamentos próprios. Além disso, e também por isto, não se deve permitir o abandono de proposição em uma transferência destes Parakanã e dos a contatar para a área de 319.000 ha., eleita em dezembro de 1978, e apresentada à Funai em janeiro de 1979, pelo Projeto Parakanã. Considere-se, ademais, que os Parakanã hoje em perambulação, entre o Igarapé Pacajazinho e o Rio Bacajá, este de seu curso Médio às cabeceiras, e com um total de oitenta homens adultos e cerca de 30 a 40 crianças, mantiveram contato com um pequeno grupo de garimpeiros durante o mês de setembro de 1983, cf. informações pessoais prestadas pelo Sr. João de Carvalho. É possível que sejam ainda estes os Parakanã avistados neste mesmo mês de dezembro junto à Reserva Indígena Bacajá, pelos Kayapô-Xikrin, os quais estariam dispostos a se dirigir ao encalço destes Parakanã, que provavelmente tem como um de seus líderes o índio KARADJÁ, cf. nos revelou (i.p.) o Delegado Regional da 2ª Delegacia Regional/Funai, em Belém.

Isto posto, devemos observar doravante que aos Parakanã incidem agora dois novos trabalhos, a saber: 1) fornecer as condições iniciais básicas para um convívio harmonioso e não dependente com os elementos da frente de penetração e contato da Funai junto aos índios hoje localizados às proximidades do Igarapé Bom Jardim (isto é, os Parakanã contatados em novembro de 1983). e resguardar este território, mesmo que possa ele vir a ser abandonado no futuro; 2) promover ainda com estes Parakanã, contatados em novembro/83, os trabalhos de roçado, conforme as orientações do próprio grupo, além da roça que deve ser feita pela equipe de contato e que atenda as reais necessidades da comunidade indígena; não é demais repetir que um dos problemas causados ao povo Parakanã desde os primeiros tempos de um contato residiu sempre na ausência de bons e fartos roçados.

Deste modo, cremos, ser ainda possível o estabelecimento de um PROJETO CONTATO com os Parakanã, situados hoje às proximidades do Igarapé Bóm Jardim, mesmo que a defasagem entre a sua apresentação - programação - execução seja hoje um fato. Observa-se ainda que o lapso de tempo, neste caso, é bastante reduzido e que as dependências a que porventura tenham sido levados estes Parakanã, em vista à própria equipe de frente de penetração da Funai, poderá, provavelmente, ser reorientada. Referimo-nos aqui desde os aspectos relacionados a brindes à própria dependência, ao nível alimentar. É caso elucidativo que a aquisição de mantimentos pela Funai aos Parakanã da Reserva Pucuruí, desde 1976 quando do contato, foi transportada pelos próprios índios já, então no Rio do Meio, em 1982. Tal fato, antes de significar uma atitude puramente paternalista, traduz toda a assimetria do relacionamento interétnico e conduzindo a comunidade à aquisição de valores espúrios, advindos deste relacionamento. Exemplificando, estes Parakanã requerem hoje (referimo-nos ao período de abril/83, quando estivemos em campo) a remessa de mantimentos face, vale dizer, a paralisação, ainda que temporária, dos roçados próprios; a construção das moradias em madeira, da mesma forma que pretendem o uso de maquinários e mantêm iluminação elétrica em seu aldeamento (Marudjewara), esta última já acontecendo, desde 1980, com os índios que residiam ao Terceiro Acampamento (Reserva Pucuruí). Por outro lado, não vem sendo fornecida aos Parakanã já contatados qualquer possibilidade de apreender que tais construções impõem atividades' outras e que a valorização - espúria importa a eles em relacionamento subordinador (Funai) - subordinado (Parakanã no caso), portanto de caráter assimétrico. Evidentemente, que tal fato não se desvela de forma gratuita do mesmo modo que esta assertiva não carrega em

si qualquer aspecto crítico maior ao órgão tutelar, além das que já vêm sendo realizadas por antropólogos e indigenistas ao longo do tempo. Tratam-se de simples constatações do que vem ocorrendo. No caso Funai-Índios é a primeira quem detém o monopólio dos bens importados à sociedade inclusiva (ao menos em uma primeira fase de contato), e a sua manipulação quando da entrega às sociedades indígenas. À exceção de alguns poucos brindes (armas de fogo, em geral) não se faz distinção entre a real necessidade de um grupo recém-contatado (e o recente não tem em si um caráter limitador de tempo) com a daquele onde o contato efetivo já reveste o próprio grupo de uma compreensão mais eficaz do relacionamento interétnico. É esta não distinção, ou, a uniformidade da manipulação de bens importados entregues às sociedades indígenas que configuram a própria atuação indigenista, a partir da existência mesma da frente de penetração.

Portanto, o que deve ficar evidenciado no relacionamento interétnico (FUNAI-Índio), mormente no que se refere ao trabalho de contato, é a questão do método aplicado, concretizado este sempre como processo homogeneizador das unidades étnicas (entendidas estas, pela FUNAI, enquanto grupos mesmo de um único povo) distintas entre si mesmas. Não se trata, pois, de negar um provável paralelismo quanto ao método de atuação indigenista, mas sim de considerar que tal correspondência somente será possível após o reconhecimento pela sociedade indígena da valoração de seus mecanismos próprios, aceitos estes pela atuação indigenista e conduzindo ambos à simetria do relacionamento interétnico.

Deste modo, o que requeremos à Cia. Vale do Rio Doce em sua capacidade de ação, ainda que limitada a deter

minados níveis, junto à FUNAI é viabilizar um método de trabalho indigenista inequivocamente diferenciado entre os Parakanã já contatados e os a contatar. Para tanto, definida as áreas de atuação do Projeto Ferro-Carajás e a de ocupação dos Parakanã, até aqui entendida enquanto Reserva Indígena Parakanã 78 /' Proposta Projeto Parakanã apresentada à FUNAI em janeiro/ 1979 (319 mil ha.), redefine-se a área de influência daquele Projeto Ferro-Carajás). Assim, amplia-se o trabalho de Assessoria às Áreas Indígenas ao Igarapé Bom Jardim e também à Área de Ocupação entre o Igarapé Pacajazinho e o Rio Bacajá. A este espaço compete a Cia. Vale do Rio Doce acionar a FUNAI visando a delimitação deste território, ou seja do Igarapé Pacajazinho ao Rio Bacajá e daí ao Igarapé Bom Jardim e deste às cabeceiras dos Rios Aquin, Tapirapé e a Serra Misteriosa, até chegar-se a própria Reserva Indígena Parakanã/1978, cf. (anexo I). Caso a existência de programas de atuação da própria Cia. Vale do Rio Doce incidam sobre a área aqui previamente delimitada deve esta Companhia considerar a possibilidade de suspender tal atuação, ou , requerer junto à FUNAI uma equipe de frente de contato para acompanhar seus trabalhos de estudo neste território; qualquer atividade que axija maior número de exploração mineral' deve levar em conta prioritariamente a perambulação dos Parakanã.

Deste modo, dentro de objetivos primeiros que possam levar a Cia. Vale do Rio Doce a uma atuação mais direta dentro do PROJETO CONTATO, consideramos como de fundamental importância aos:

- PARAKANÃ DO IGARAPÉ BOM JARDIM

- a) a manutenção da equipe da frente de contato com equipe médica no local, orientada esta última pelo assessor responsável pela área de saúde, Dr. João Paulo Botelho V. Filho.
- b) a não ingerência por parte desta equipe de trabalho em qualquer atividade deste grupo, tais como transferências desnecessárias, construções de quaisquer tipo além das costumeiras barracas em palha, e brindes desnecessários.
- c) a cessão de brindes a estes Parakanã deve ser selecionada obedecendo inicialmente a doação de machados, terçados, apetrechos de pesca: deve-se promover junto aos Parakanã já contatados trabalho que oriente à confecção de artefatos tais como fusos, panelas de barro, tipóias, redes, a serem doados a este grupo de contato recente; ou, presentes outros que os contatados se decidirem pela cessão.
- d) aos casos mais graves, que por acaso surgirem à área de saúde o seu atendimento deve se realizar junto aos hospitais existentes, ou, à Usina Hidrelétrica de Tucuruí, ou, à Serra dos Carajás.
- e) estabelecer estudos que possibilitem a permanência destes índios à área de contato, o que deve ser realizado até o próximo mes de maio, com a declaração pública de Território de Utilidade Índios Parakanã pela FUNAI.
- f) caso estes índios pretendam a sua realocação à Reserva Indígena Parakanã, área eleita em dezembro de 1978 e proposta à FUNAI desde Janeiro de 1979 (319 mil ha.) e caso não tenham eles opção estabelecida ao local de transferência dentro da Reserva, apresenta-se como possibilidade viável o local situado às proximidades do ponto de número 13 (anexo II) às margens do Igarapé Pacajazinho.

- PARAKANÃ EM PERAMBULAÇÃO

- a) promover junto à FUNAI e demais órgãos atinentes ao caso estudos que determinem, com base nos limites já apresentados' neste relatório (v.pg.09), a salvaguarda do território destinado ao contato com estes Parakanã e que no presente momento se situa entre o Igarapé Pacajazinho e o Rio Bacajã, declarando-o como Área de Utilidade Índios Parakanã.
- b) considerar como de premência absoluta a criação de um posto de vigilância junto aos pontos 11 e 12 (anexo II), configurando este posto como de frente de contato, portanto sob a responsabilidade de um sertanista ou auxiliar de sertanista e com infra-estrutura adequada (V.LEVANTAMENTO...ABRIL 1983 ...pgs.65ss) além de roçado contendo produtos concernentes' à alimentação e à utilidade dos Parakanã, tais como mandioca, batata-doce, cará, inhame, banana, milho, algodão, urucu; de equipe médica podendo esta ser a mesma que atua junto ao PIA. Marudjewara a não ser que haja necessidade de equipe própria, ou, conforme determinação a ser dada pelo Dr. João Paulo Botelho V. Filho; e de brindes selecionados (instrumentos tais como machados, terçados, apetrechos de pesca); como dissemos, deve ser promovido junto aos Parakanã já contatados trabalho que oriente à confecção de fusos, panelas de barro, tipóias, redes próprias, a serem doados aos Parakanã a contar, ou, aos de contato recente.
- c) criar condições para que seja desenvolvido trabalho de conscientização junto aos Xikrin da Reserva Bacajã, a fim de promover o destimulo entre estes Kayapó a um possível conflito com os Parakanã em perambulação.

Está claro que o PROJETO CONTATO que aqui expomos, em sua fase inicial, estabelece um comportamento novo por parte de todos quantos trabalham junto aos Parakanã, e que este PROJETO, como quaisquer outros que venham a surgir, se encontra revestido dentro da própria conceituação de processo educativo. Este, por seu lado, só poderá atingir a sua eficácia ao considerar a diversidade que envolve hoje aos Parakanã já contatados. Não se procura, pois, conformar estes índios em um modelo único da atividade educacional, homogeneizador da diversidade. O diverso é real, concreto, e como tal deve ser apreendido pelo educativo. Está claro, uma vez mais, que educação é processo de conhecimento e não de ensino e que este, o ensino, só é passível de existir quando estabelecido na reciprocidade (simetria) do conhecimento. Deste modo, a edificação física de uma escola e os utensílios a ela pertinentes se constituem em meros acessórios dispensáveis no presente momento frente aos Parakanã. Se a escola conforma a um novo ritmo na atividade diária do grupo, estabelece, por isto mesmo, parâmetros novos e espúrios no relacionamento interétnico, impedindo a valorização da organização social própria, processo educativo próprio incluído. Tal fato, o abandono ou a substituição de seus valores, ainda que temporariamente, pode ser observado, inclusive, pela forma como se estabelece o contato índio/não-índio, e não é segredo a sua confirmação em "escolas" existentes em aldeamentos indígenas outros.

Portanto, o que necessita ser resgatado no processo de conhecimento é a participação do todo, o que em si implica primeiramente, no caso Parakanã em especial face a inexistência de qualquer estudo nesta área, em conhecer a própria morfologia da Língua Parakanã. Embora, não tenhamos a formação do linguista é

claramente perceptível a existência de diferenciações no linguajar de ao menos dois dos grupos contatados, e que tais diferenças encontram sua razão também no próprio processo histórico por que passou, e ainda passam, cada um dos grupos Parakanã já contatados.

Parece-nos claro que continuar o trabalho de se dar aulas nos moldes estabelecidos pela FUNAI é manter o desperdício de tempo e de dinheiro. Não há entre os chamados professores, no mais das vezes, elementos que possuam o conhecimento mínimo exigido pelo curso ginásial, ou, quando muito pelo secundário, não possuindo, portanto, qualquer conhecimento antropológico, linguístico, pedagógico necessário e adequado.

Consideramos, pois, como de importância fundamental a criação de um PROJETO EDUCAÇÃO, para o qual nos propomos a manter uma supervisão sistemática, criando um grupo de trabalho para o seu desenvolvimento, e incluindo a atividade de um linguista do Museu Emilio Goeldi, caso a FUNAI autorize e com o apoio financeiro do Projeto Ferro-Carajás:

Cabe, por último, salientar que a ação do Projeto Ferro-Carajás sobre o Povo Parakanã, índios contatados e não contatados, somente poderá ser minimizada com a Demarcação Territorial da Reserva Indígena Parakanã (319 mil ha.). Entendemos, pois, se constituir esta, a Demarcação, em tópico de fundamental importância ao PROJETO CONTATO, definido, no caso Parakanã, como um processo que engloba todo o período do relacionamento índio/não-índio (FUNAI), desde o de os trabalhos desenvolvidos por frentes de penetração, até a fase pós-contato propriamente dita. Esta, por sua vez, requer o estabelecimento de projetos outros, face ao conhecimento, ainda que superficial, que demonstram ter par-

te destes índios (referimo-nos aos Parakanã do Igarapé Paranatã), não só das atividades programadas e executadas pela FUNAI, ... mas também aquelas que ora se desenvolvem no meio regional - Usina Hidrelétrica de Tucuruí e Projeto Ferro-Carajás.

Frente ao exposto, salientamos a necessidade de supervisão sistemática durante o ano de 1984, com a permanência junto aos Parakanã já contatados, ao correr dos meses de fevereiro, maio, junho/julho/agosto/, outubro/novembro, por esta assessoria antropológica, pois que a distância entre a viagem realizada no mes de abril/83 e uma próxima somam nove meses, tempo considerável se atentarmos para o fato desta assessoria estar trabalhando com grupos indígenas recém-contatados.

PARTE II

PROGRAMAÇÃO NECESSÁRIA ÁREA PARAKANÁ - ANO 1984

RESERVA INDÍGENA PARAKANÁ (319 mil ha.)

- DEMARCAÇÃO TERRITORIAL
- CRIAÇÃO DE UM POSTO DE VIGILÂNCIA, ALÉM DOS DOIS JÁ PROGRAMADOS
- FRENTE DE CONTATO (ÁREA PACAJAZINHO E BACAJÁ)

A criação de um Posto de Vigilância deve ser observada como medida preventiva aos índios Parakanã em perambulação junto aos Igarapê Pacajazinho e Rio Bacajá, tornando-se este em acampamento de apoio à própria Frente de Contato, ou, servindo como possível novo Posto Indígena. Para tanto, é necessário que seja ele equipado com equipamentos e implementos iniciais básicos a saber -

- 1 radio transceptor portátil TELEFUNKEN com duas frequências : 6.000 e 11.000
- 1 grupo gerador de 4,5 KVA
- 1 voadeira ICOMA com capacidade para 600 Kgs.
- 1 motor de popa YAMAHA com 15 Hp
- medicamentos, aparelhos e equipamentos necessários ao trabalho à área médica (deve-se buscar aqui os aconselhamentos a serem dados pelo Dr. João Paulo Botelho V. Filho)
- ferramentas, peças para reposição, implementos agrícolas, sementes
- verba para sustentação mensal da equipe no montante de Cr\$ 150.000,00

PIA. PARAKANÃ - IGARAPÉ PARANATÍOBRAS E SERVIÇOS

- as informações que recebemos do ex-chefe deste Posto Indígena refletem ainda uma grande possibilidade de relocação, por livre iniciativa destes Parakanã, para a região do Igarapé Murici, tendo em vista como um dos motivos a existência de grandes castanhais àquele local; tal fato, deve ser entendido como a desaconselhar qualquer edificação mais efetiva junto ao Igarapé Paranatí, ao menos no presente momento.
- a construção da casa de farinha, se viável em outros aldeamentos indígenas, junto ao Povo Parakanã poderá se constituir em elemento marginalizador da mulher, visto ser ela a grande responsável pela feitura da farinha de mandioca e ter ela com este papel um dos destaques na organização social e econômica dos Parakanã; consideramos, pois, impeditiva a sua construção.
- o abastecimento d'água deve ser providenciado na forma de poço amazônico, o que servirá para um melhor atendimento à população e tendo em vista que os igarapés àquela área secam durante o verão local; caso estes Parakanã se decidam pela sua transferência ao Igarapé Murici, o poço poderá ainda ser utilizado quando de suas incursões pela mata.
- recomendamos, como já o fizemos anteriormente (V. LEVANTAMENTO...ABRIL 1983.../pg.68) que sejam proibidas e, ou, interrompidas quaisquer atividades que conduzam à abertura de estradas e ao desmatamento indiscriminado.

ÁREA DE TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO

- 1 motor de popa - YAMAHA - com 25 Hp.
- 1 voadeira em alumínio - ICOMA - para 2 toneladas
- 1 rádio transceptor portátil - TELEFUNKEN - com duas frequências: 6.000 e 11.000

- 1 máquina de escrever - OLYMPIA - semi-portátil
- construção, no local, de cinco canoas em madeira
- manutenção mensal de combustível, diesel, gasolina, óleos lubrificantes

ÁREA DE EQUIPAMENTOS PARA CAÇA E PESCA

- 100 caixas de chumbo - PERDIZ - e 500 latas (1 kg.) de pólvora
- 50 caixas de cartuchos em metal, calibre 20
- 50 rolos de fibra de nylon, tamanho grande, para cada uma das medidas: 0,30 - 0,40 - 0,50 - 0,60
- chumbadas e anzóis em tamanhos diversos
- caixas contendo 1000 espoletas

ÁREA DE MANUTENÇÃO DO POSTO INDÍGENA

- suplementação de verba (Cr\$ 500.000,00/mes) para alimentação durante os trabalhos de Demarcação Territorial da Reserva

ÁREA AGRÍCOLA E DE CARPINTARIA E AUXILIAR

- devem ser observadas as recomendações já efetuadas (V. LEVANTAMENTO...ABRIL 1983/pgs. 48/49).

PIA. MARUDJEWARA - RIO DO MELO

OBRAS E SERVIÇOS

- em razão de nesta área não se encontrar em programação qualquer transferência junto a estes índios, não há impecilho em se processe, a partir de 1984, as construções de enfermaria/residência e da sede do próprio Posto, como também a regularização quanto ao abastecimento d'água.
- permanece também aqui o total desaconselhamento a construção de casa de farinha, como a abertura de estradas e desmatamento.

ÁREA DE TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO

- 1 motor de popa YAMAHA com 25 Hp
- 1 voadeira em alumínio - ICOMA - para 2 toneladas
- 1 rádio transceptor portátil - TELEFUNKEN - com duas frequências: 6.000 e 11.000.
- construção no local de cinco canoas em madeira
- 1 máquina de escrever OLYMPIA, semi-portátil
- manutenção mensal de combustível, diesel, gasolina, óleos lubrificantes.

ÁREA DE EQUIPAMENTOS PARA CAÇA E PESCA

- 100 caixas de chumbo - PERDIZ - e 500 latas (1kg.) de pólvora
- 50 caixas de cartuchos em metal, calibre 20
- 50 rolos em tamanho grande de fibras de nylon para cada uma das medidas: 0,30 - 0,40 - 0,50 - 0,60 - 0,100
- chumbadas e anzóis em tamanhos diversos
- caixas contendo 1000 espoletas

ÁREA DE MANUTENÇÃO DO POSTO INDÍGENA

- suplementação de verba (Cr\$ 500.000,00/mes) para alimentação da comunidade, enquanto perduram os trabalhos de roçados e durante a fase de Demarcação Territorial da Reserva.

ÁREA AGRÍCOLA E DE CARPINTARIA E AUXILIAR

- devem ser observadas as recomendações já efetuadas (V. LEVANTAMENTO... ABRIL 1983... pgs.57/58).

-----*****-----*****-----

ÁREA DE RECURSOS HUMANOS

PIA. PARAKANÃ

- de acordo com informações fornecidas pelo Sr. João de Carvalho, não há no presente momento qualquer enfermeiro com nível superior prestando atendimento junto a estes Parakanã, e apenas um atendente de enfermagem permanece no local.
- observa-se ainda hoje a permanência de grande número de apenas junto a PIA.Parakanã, num total de doze indivíduos, dos quais a metade foi contratada pelo Projeto Ferro-Carajás e a outra metade pertence ao quadro de funcionários da FUNAI; consideramos como desaconselhável este elevado número de pessoas, do qual não menos de cinco se encontram na categoria de auxiliar de serviços gerais, tres auxiliares de sertanistas, um técnico agrícola, um sertanista (em atendimento médico em Belém, Sr. João de Carvalho), um auxiliar de ensino, e um auxiliar de enfermagem, -deste modo, cremos ser pertinente e viável que a permanência de quatro pessoas seja justificada; O restante deve ser aproveitado nos Postos de Vigilância a serem criados e para os quais solicitamos preemência absoluta.

PIA MARUDJEWARA

- de acordo com as informações da 2ª Delegacia Regional/FUNAI (i.p.) existem hoje junto a este Posto um total de sete funcionários, dos quais dois (atendente de enfermagem e seu marido se encontram em tratamento de saúde em Belém), dois auxiliares de sertanista (um foi deslocado ao PIA Parakanã), uma enfermeira graduada, e um auxiliar de serviços gerais, além do sertanista responsável pela Frente de Atração e que responde simultaneamente pela chefia deste Posto; consideramos também aqui excessivo o número de pessoas não-índios existentes, podendo ser mantido o número de quatro funcionários como ao que parece, de fato, existem.